

Mariaguinha

Pe. Ormindo Sodré Viveiros de Castro, S.J.

* 28-XII-1917 S.J.-10-II-1933 + 17-II-1998

Nasceu em Belém do Pará no dia 28 de dezembro de 1917, festa dos Santos Inocentes. Havia um auspicioso presságio nesta data do nascimento daquele que nos últimos anos de sua vida teria um convívio tão emocionante com a inocência.

Foram seus pais Eurico Parga Viveiros de Castro e Ormindia de Almeida Sodré, filha do republicano histórico, Lauro Sodré, que quebrara o espadim de Guarda Marinha e atirara aos pés do velho imperador, D. Pedro II, em revista às tropas em Belém.

Veio pequeno para o Rio de Janeiro, onde fez seus estudos secundários no Colégio Santo Inácio. Já ali conquistara inesquecíveis amizades, inclusive de Clementino Fraga Filho, que o seguiria até o fim em sua doença fatal.

Foi ali, no Colégio, que germinou a vocação que o levaria a ingressar no noviciado da Companhia de Jesus, instalado no velho casarão do Colégio Anchieta em Nova Friburgo, no dia 10 de fevereiro de 1933.

Era uma passo difícil, por tudo aquilo a que renunciava e por tudo aquilo que iria enfrentar.

Renunciava a um futuro próspero, cheio de seduções, inclusive lúdicas, como no campo esportivo onde raiava como a grande esperança do clube da Estrela Solitária.

Lá enfrentou uma vida de provação, de austeridade e de pobreza, num momento em que a Província do Brasil Central passava por uma conjuntura difícil, para sustentar os quase 300 residentes no velho *Chateau*, incluindo alunos da Escola Apostólica, noviços, juniores, filósofos, coadjutores, mestres e sacerdotes.

Ali, depois do noviciado, teve sua iniciação nas letras clássicas, segundo o antigo Código de formação dos jesuítas a *Ratio Studiorum*. Teve, porém, de interromper os estudos em 1938, para ajudar no magistério dos alunos da Escola Apostólica, candidatos ao noviciado da Província. Foi professor de gramática e matemática. Assim começava a carreira do professor que haveria de ocupá-lo por quase toda a vida.

De 1941 a 1943, volta ao currículo clássico dos jesuítas e faz o curso de Filosofia, ali no Colégio Anchieta. Era um curso de filosofia escolástica, ministrado por professores austeros e dedicados, que tutelavam seus alunos contra os ventos das novas correntes filosóficas que começavam a devastar o mundo e das quais os alunos não tinham a menor idéia. A censura era severa e as ameaças do velho *Chateau* intransponíveis. Não havia rádio nem TV e só chegava ali o *Osservatore Romano*.

Em 1944, vem para o Colégio Santo Inácio, onde completa sua primeira experiência de magistério, como professor e prefeito dos alunos.

O ano de 1945 é o ano de uma inflexão decisiva em sua vida. Devia iniciar seu curso de Teologia, num tempo em que na Província ainda não se ministrava esse curso, última etapa da formação clássica do jesuíta. Os Superiores, porém conscientes de seu valor, já o destinavam a uma especialização acadêmica ulterior, no campo da Pedagogia. Foi assim enviado para os Estados Unidos, onde, no West Baden College, Indiana, fez seu curso de Teologia e onde se ordenou sacerdote de Cristo a 18 de junho de 1947. No ano seguinte, terminado o curso, foi enviado a Salamanca para estágio final de provação, ao qual são submetidos os jesuítas antes de enfrentarem os desafios de sua missão apostólica no mundo.

Essa missão começaria em 1950, com os cursos de Pedagogia e Educação, primeiro em Londres, depois na Fordham University de New York, onde, em 1951, faz sua profissão solene a 2 de fevereiro de 1951, pela qual, com 34 anos, se ligava indissolúvelmente àquela Companhia de Jesus, que o seduzira ainda adolescente.

Em 1952 voltava para o Brasil, onde até a sua morte, durante 46 anos se dedicaria inteiramente a sua ação sacerdotal, numa alternância de encargos de magistério, de administração, de ação pastoral, aos quais nunca se furtou, até aquela manhã de domingo, 25 de janeiro, quando confessou ao Ir. Raad que a dor já era intolerável e foi por ele imediatamente internado.

A simples cronologia dos cargos assumidos dá uma idéia de sua atividade incansável. De 1952 a 1959, trabalhou na PUC-Rio, como professor de Pedagogia e como Secretário Geral. De 1960 a 1962, trabalhou como Reitor e professor do mesmo Colégio Santo Inácio do qual fora aluno. De 1963 a 1967, foi Reitor da Universidade Católica de Goiás, com os encargos de professor de Filosofia educacional e do economato. Ali, ele teve para comigo um gesto de fraternal solidariedade. Em 1967, eu publicara, pela Fundação Nacional de Material Escolar, do Ministério da Educação, uma Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo. Um oficial do SNI, de plantão no Ministério, descobriu que a Enciclopédia era subversiva. A eminente professora, Sra. Heloísa Araújo, Diretora da Fundação, concordou com a idéia de sua assistente, Nélida Helena Guedes de Meira Gama, de fazer chegar exemplares do trabalho a lideranças políticas e autoridades administrativas de Brasília. O Pe. Viveiros, em Goiânia, acedeu ao pedido de sua ex-aluna na PUC-Rio, que lhe enviara 300 exemplares da obra; levou-os a Brasília e, com a colaboração do Pe. Aleixo, distribuiu-os entre próceres dos três Poderes. A 1ª edição de 120 mil exemplares se esgotara rapidamente e a 2ª edição da Enciclopédia subversiva foi prefaciada pelo Ministro da Educação, Jarbas Passarinho, insuspeito de qualquer cumplicidade com a subversão.

A partir de 1968, toda a vida do Pe. Viveiros foi dedicada à PUC-Rio: como Diretor da Faculdade de Filosofia; Professor de Questões Pedagógicas; Diretor do Centro Teológico e de Ciências Humanas, Professor de Psicologia Educacional. Em 1970, assume o cargo de Reitor; em 1980, é nomeado Superior da Comunidade Religiosa dos Jesuítas, Pe. Leonel Franca, quando já se aposentava do magistério, como membro do Conselho Estadual de Educação. Assim, ia poder dedicar-se totalmente a sua atividade mais querida, a ação pastoral direta, sem nunca se negar a encargos domésticos.

Ele tinha consciência de suas limitações para a atuação administrativa, nunca porém se esquivou a nenhum dos muitos cargos que lhe foram confiados, como também nunca mostrou ressentimento ao ser afastado, às vezes sofredamente, de encargos que não pleiteara.

Saía para atender as pessoas a todas as horas, a todas as distâncias, a todas as necessidades e a todas as demandas: casamentos, batizados, missas, velórios, encomendações, crises interiores, dramas conjugais. Tinha uma grande compreensão da fragilidade humana, mas sem nenhuma condescendência quanto aos princípios éticos e morais. Muitos dos que eventualmente lerem essas linhas sabem do que estou falando, porque devem a ele uma felicidade que lhes parecia impossível.

Voltando, altas horas da noite, de um atendimento espiritual, sofre um grave acidente no seu Fusquinha que o deixou desacordado. Só na manhã seguinte foi encontrado em um Pronto Socorro, pelo Pe. França Miranda, Superior da Comunidade da PUC-Rio. Teve o braço imobilizado, com uma fratura penosa. Algumas semanas depois, para meu espanto, encontrei-o na igreja de São José da Lagoa, onde, aos domingos, sempre celebrava a missa do meio-dia. Com aquele seu jeito de falar baixinho, sorridente, discreto, como quem deseja mais insinuar as coisas que dizê-las, veio ao meu encontro do meu espanto: "no desastre, perdi o Fusquinha e me deram um Gol; de desastre em desastre, acabo chegando a um Mercedes".

No dia 18 de junho de 1997, celebrou as bodas de ouro de seu sacerdócio, numa missa na igreja do seu Colégio Santo Inácio, missa na qual quis ter como assistentes no altar também dois ex-alunos do Colégio, o Pe. França Miranda e eu. A igreja estava cheia e todos os presentes se lembram da simplicidade, da modéstia, da discrição com que falou, quase que se desculpando, enquanto exaltava o dom da vocação recebido naquele colégio em cuja igreja, 50 anos depois vinha agradecer as graças impetradas. Mas seu irmão, Maninho, tomou a palavra e falou de suas virtudes secretas de sacerdote exemplar, amigo de todas as horas e de sua ostensiva paixão alvinegra. Mal sabia que estava antecipando o panegírico do apóstolo que morreria poucos meses depois.

O atendimento aos pequeninos, aos bebês, foi talvez o aspecto mais emocionante de sua atividade pastoral. Em suas anotações, foi encontrado o registro de mais de dez mil batizados ministrados por ele na capela da PUC-Rio. Era tão linda a cerimônia que muitas pessoas vinham à capela só para assistir o batismo feito por ele. Ele se dirigia pessoalmente a cada bebê e a cerimônia se desenrolava como um diálogo entre a inocência do sacerdote que falava e a inocência do filhinho de Deus que ouvia espantado sem nada entender. No dia 28 de dezembro, ele completava seus 80 anos. No painel de avisos da comunidade, um colega atencioso e criativo, Pe. Agostinho, anunciava o nome do aniversariante cercado por uma coroa de fotos de bebês, com a inscrição: "estou te esperando para me batizar". Ele já estava internado na Casa de Saúde.

Ali, depois de uma vida de tanta bondade, ia entrar no sombrio e misterioso túnel do inocente sofredor. Foi atendido por médicos da sua confiança, da maior competência e dedicação. De início, parecia não se dar conta de que estava seriamente doente. Corpo sadio e atlético, que sempre dispensara cuidados clínicos, pensava talvez tratar-se de uma crise

passageira. Quando o Pe. José Fernandes levou-lhe a comunhão e propôs ministrar-lhe a unção dos enfermos, ele até estranhou, mas recebeu. Entretanto, o mal pérfido, em traiçoeira metástase, ia avançando com surpreendente rapidez. Sua querida família e a comunidade da PUC-Rio que a ele tanto devia, não mediram esforços para confortá-lo e para debelar o mal. Tudo foi tentado: intervenção cirúrgica, nova clínica, aplicações de radioterapia. Tinha sempre alguém a seu lado, dia e noite. Contudo, a dor física quase intolerável e os constrangimentos das dependências humilhantes acabaram por abatê-lo. Por alguns dias, ainda conseguiu reagir, demonstrando reconhecer, com um aceno de mão ou um abrir de olhos, aqueles que o visitavam. Depois, veio a noite do torpor letal. Quem sabe o mistério que se passava na alma de quem só fizera o bem na vida, sentindo o inexorável avanço da morte? Evocava certamente as palavras do apóstolo São Paulo, na interpretação mais ousada do supremo sentido da dor: "Completo, em minha carne, aquilo que falta à Paixão de Cristo". Na aparente placidez da letargia sacudida por vezes por espasmos de dor, eu tinha a impressão que ele já estava voltado interiormente para a luminosa aurora que se aproximava, ele que sempre anunciava aos que assistia a certeza da ressurreição. E a aurora brilhou para ele na madrugada do dia 17 de fevereiro: emergiu de repente do torpor num despertar convulso, como de uma chama agitada por um sopro e apesar de todos os esforços, duas horas depois, apagou.

Eram 6 horas da manhã, a hora do Angelus, da saudação angélica. Imagino que ele deve ter entrado no céu saudando, como sempre, baixinho, à Mãe Querida que o recebia: "como a Senhora é linda". Foi assim que ele entrou na plenitude instantânea da eternidade, onde, na radiosa beleza da luz de Deus, reencontrou todos aqueles que com tanta inocência ele tanto amou.

Pe. Fernando Bastos de Avila
Pe. Fernando Bastos de Avila, S.J.

Tio Mindinho

O Tio

Quando Pe. Maia me pediu para dar um depoimento sobre o "Tio Mindinho", minha primeira reação foi susto e vontade de recusar. Pensei bem em tudo o que ele me legou e concluí que como sobrinha e cristã eu lhe devia isso: o testemunho de uma vida exemplar.

Para mim, e acredito que para a maioria dos sobrinhos, foi um privilégio ter o Tio Mindinho na família. Com seu jeito discreto mas sempre atento, esteve presente em todas as horas, alegres e difíceis, da imensa descendência da vovó: 8 filhos e filhas, 7 genros e noras, 31 netos e netas, 65 bisnetos.

Dava apoio aos irmãos e cunhados, segurava "a barra" dos sobrinhos, era uma figura querida dos sobrinhos netos. Fazia todos os casamentos, batizava com o maior carinho, enterrava nossos mortos, soprava velas de aniversário, celebrava nossas missas, escutava nossas confissões, jogava bola nas festas familiares e "dava a bronca" quando necessário, sempre firme!

Só hoje me dou conta que, pela simplicidade com que fazia todas estas coisas, eu só percebi tudo o que ele fazia quando nos faltou.

O Jesuíta

Pouco antes de sua morte, depois de seu jubileu de 50 anos de Companhia que muito me marcou, passamos a nos aprofundar, eu e Luiz nos Exercícios Espirituais. Ainda me lembro, o espanto e depois o contentamento com que ele recebeu a notícia que nós íamos passar o fim de semana na Casa da Gávea num retiro de iniciação.

Mãe sabia que já era ele nos colocando de volta nos trilhos. Hoje, depois de muitos retiros de 8 dias, de muito manusear o livrinho dos EE, chego à conclusão de que ele foi "o jesuíta" e que tentou, com a maior coerência, viver tudo o que me impressionava nele, era a "indiferença inaciana" com que dirigia a sua vida. Nas festas familiares, comia e bebia com a maior moderação e se insistíamos ele dizia "obrigada, já tomei!" Se distraía com todos mas sempre comedido, com sorrisos encantados de estar com a família, mas nunca em voz alta ou às gargalhadas. A disposição em servir era permanente, ajudava a todos, indiferentemente de suas predileções, às vezes tendo mesmo que se expor, como fazia na PUC quando, na ditadura, levavam algum aluno "no camburão" e ele seguia de carro, para dar a localização aos pais. às vezes taxi

Ser reitor do Santo Inácio foi muito duro para ele pois como dizia, tinha que negar algo, todo dia, a um ex-colega seu ou de seus 4 irmãos, pais de alunos. Mesmo assim mantinha seu jeito calmo e acolhedor e recebia com a maior paciência as constantes "visitas" minhas e de minhas amigas à reitoria. Não é preciso dizer que a turma do Luiz era um atrativo a mais e ele achava graça nisso, algumas vezes nos acompanhando até o campo de futebol dos meninos.

Na PUC foi sempre queridíssimo, sabendo conquistar, com sua bondade e capacidade de se dar, várias gerações, seja como secretário geral, professor de Educação ou Reitor. Creio que era recordista em batizados, tendo batido a marca do Pe. Leme Lopes, de quem herdou a maioria dos "órfãos". Passava de mansinho pelo departamento de Educação e deixava chocolates, e geralmente muitos conselhos, quando pedidos.

Não invadia ninguém mas também não era omissivo, embora às vezes não fosse compreendido, e tido como tal. Como diz padre Pedro G. Ferreira, era um intuitivo, e com seus olhinhos apertados perscrutava nossas almas.

A humildade com que deixou a reitoria da PUC, em meio a um mandato foi edificante e surpreendeu a todos, seja a seus companheiros de Companhia quanto a seus parentes. Não era bom administrador, sabia disso, aceitou a reitoria como Missão. Pode ter falhado como tal mas ganhou o que almejava, o ser professor e ser pastor. Quantas almas ganhou nessas duas funções, principalmente na última! Foi inédita sua decisão de sair de uma reitoria, e continuar na instituição como professor. Carregou esta cruz com resignação, serenidade e dividiu seu sofrimento com alguns poucos muito próximos, como minha mãe. Era importante para ele ^{ficar no Rio e} poder acompanhar os últimos anos de sua mãe, com quem dividia as aflições ou alegrias das derrotas ou vitórias do Botafogo aos domingos, suportando com muito mérito as pulgas dos muitos cachorros da vovó em sua batina preta. Com alívio adotou o “clergyman”, e depois a roupa esporte, reservando religiosamente o primeiro para os domingos e cerimônias. Ganhava muitos presentes, que redistribuía com generosidade e muito critério. Conta Pe. França Miranda que no dia seguinte a seu aniversário arrumava as camisas que ganhava, ~~no~~ que considerava excesso e mandava seus companheiros escolherem. Este aniversário a 28 de Dezembro era um caso a parte, sempre comemorado com muita alegria na casa de um irmão e com passar dos anos na da segunda geração. O último foi estoicamente comemorado na casa da sobrinha querida, Maria Luiza, quando já sofria de dores horríveis e sabíamos que o tínhamos por pouco tempo. Pouco antes, com a mesma força de vontade celebrou meus 30 anos de casados na capela do Sagrado Coração, no colégio Santo Inácio, assessorado pelo Pe. Klein. Foi sua última celebração na família, a 20 de Dezembro de 1997. Foi a primeira vez que o ouvi se queixar de dores.

Entre os muitos testemunhos que fui ouvindo pelo vida afora, tenho o de Maria Luiza Teixeira, de quem acabei me tornando cúmplice por extensão, na questão do Noap, (Núcleo de Orientação e Atendimento Psicopedagógico). Não precisa ser pedagoga para entender a importância desse trabalho, principalmente em se tratando de um público alvo de crianças carentes, ^{re}cebendo atendimento de primeiro nível. Tio Mindinho, educador e tio adotivo da Profª Maria Luiza (como de todas as minhas amigas) entendeu tudo e abraçou com a maior empenho a causa do Noap. Levou psicopedagogas, crianças e mães para a residência da PUC, indiferente às queixas de que as crianças apertavam todos os botões do elevador e faziam barulho. Diz Maria Luiza que tratava as crianças com carinho comovente, angariando vários “netinhos” além dos inúmeros sobrinhos e filhos de amigos, como Aninha, filhinha de Hortência e Celso Parisi, que encantou seus últimos anos. Um padre jesuíta me disse ^{tem dia} que não queria ser um padre “solteirão”. Tio Mindinho não foi um “solteirão”, teve uma imensa prole adotiva. O Noap continuou com seus méritos e seus problemas, até que fez 15 anos, festejados no RDC da PUC. A residência ia ser transferida e estavam todos preocupados com sua permanência lá. Na festa, Pe. Viveiros um jeito maroto disse ao Pe. Hortal: “Pe. Hortal, Lucinha tem uma provocação para o Senhor”. Eu, que não imaginava o que era perguntei qual era a provocação e soube que era o Noap. Deixou-me sozinha defendendo a causa das crianças o que resultou na promessa de manter o Noap lá, com reformas necessárias. Era a “boa intriga”. Pe. Hortal cumpriu a promessa com a ajuda de Pe. Josefã.

Assim era meu tio jesuíta, sempre servindo, sempre pastor, sempre pensando nos mais jovens, como atesta nosso recém ordenado Pe. Álvaro Pimentel que conta que, vindo de Juiz de Fora, foi recebido por ele, com a chave da casa na mão, que disse “esta é a chave da frente, esta é a de trás. Tome, você é livre”. Respeitava a liberdade dos outros e quando agia, era depois de muito discernimento.

O Jubileu Sacerdotal

Confesso que de início, para mim, o jubileu de tio Múndinho era uma grande festa, uma grande homenagem e foi com essa disposição que ajudei a preparar essa Celebração. Creio que só comecei a entender direito o que ele foi como jesuíta, o que ele queria para o futuro, nesta ocasião do seu jubileu sacerdotal. O jubileu foi para ele um verdadeiro tempo de parada, revisão de sua vida e preparação para a morte que viria logo depois: o Recomeçar.

Ele que era tão discreto e cerimonioso, temendo causar transtornos, nesta ocasião se mostrou exigente, detalhista, me fazendo percorrer todas as lojas do centro da cidade atrás “daquele” santinho que ele imaginara, discutindo os menores detalhes da celebração, exigindo moderação nas flores, escolhendo as músicas com suas amigas da Santa Inês. Gostou tanto do álbum de fotos que seus sobrinhos lhe deram, que o carregava por todo lado, como um troféu.

Gostaria de me deter nas frases que escolheu para seu santinho comemorativo; que foram aos poucos me dando pistas para conhecer melhor a vida e a vocação deste homem com quem muito convivi mas só comecei a conhecer de fato, após o jubileu, a doença e morte.

Para Ordenação em West Baten, Estados Unidos em 18/06/47 ele escolheu “Jesus olhou então para aquele jovem com amor”. Mc. 10,21.

Se continuamos o capítulo, veremos que Jesus olhou com amor, pediu ao jovem que se desfizesse de tudo e o seguisse. O jovem do Evangelho não seguiu, mas tio Múndinho, que conhecia os mandamentos, honrava o pai e a mãe, não prejudicava ninguém, viu que isso era pouco e o seguiu.

Ele, mais do que ninguém devia saber com que amor Jesus deve ter ido pescá-lo, num meio onde nada favorecia uma vocação. Nascido no Palácio do Governo do Estado do Pará, neto de Lauro Sodré, governador do estado pela 2ª vez, ~~muito~~ ^{irmão} no Norte do Brasil foi criado como menino de classe privilegiada. Embora sua família paterna, também de destaque no Maranhão, fosse católica, prevalecem as idéias do ambiente em que cresceu; seu avô que os criou era uma figura reta, mas maçom e positivista. Minha mãe se lembra deste irmão mais velho, doce e quieto, levantando-se da mesa quando alguém mencionava os padres como “homens de saia”.

Mesmo o seu ingresso no Santo Inácio foi acidental pois o que minha avó buscava era um “bom colégio” para os mais velhos, e tendo visitado um leigo, que não gostou, alguém indicou o Santo Inácio.

O menino, que jogava bola na praia, craque mesmo, bonito, criado livremente no meio de mais 4 irmãos, foi aos poucos se apegando aos padres, especialmente Pe. Louis Riou que foi seu padrinho de Crisma e o guiou na vocação, ficando muito amigo de toda a família, inclusive o patriarca Lauro Sodré, que trocava com ele correspondências em latim.

Lutou contra tudo, contra o desespero de sua mãe, contra o apelo do Botafogo e do futebol de praia, gerando inclusive uma crônica de João Saldanha que lamentava que o “craque maior” os tinha abandonado pelas aulas de religião.

Aos 14 anos num ambiente de tristeza que minha mãe, criança ainda, lembra até hoje, partiu firme para Friburgo. Tinha resolvido seguir a Jesus que o havia “olhado com amor”.

Para o jubileu em 18/06/97 escolheu o versículo 2 do salmo 88/89, o bellissimo poema de Elã, o ezraíta. “ Senhor! Eu cantarei eternamente o vosso amor”. Ele sabia que o Eterno estava chegando!

A Missa foi celebrada em sua igreja, a do Colégio Santo Inácio, co-celebrada por uns 20 jesuítas e tendo como 1º co-celebrante Pe. Ávila, seu amigo desde Friburgo, e Pe. França, seu superior na residência da PUC, que logo depois viria se transformar em seu enfermeiro com dedicação filial, várias vezes presenciada por mim no hospital.

Pe. Klein havia pedido através de mim que sua homilia fosse um testemunho para os mais jovens e ele a começou com a frase: "Eu sou feliz!" Não sei se muitas gente aos 80 anos poderia dar um depoimento desse!

Era feliz e estava feliz, cercado de sua comunidade, seu irmão e suas irmãs no banco da frente, seus sobrinhos cantando com suas amigas fiéis. Depois da Missa, a igreja lotada se dirigiu ao primário onde sua comunidade havia organizado uma festa singela como ele e onde soprou um bolo do Botafogo, presente de uma amiga minha, Regina Padilha, professora da PUC, casada por ele e com os 3 filhos por ele batizados. Foi uma festa de uma imensa família, cheia de amor e carinho. Pouco depois soubermos de sua doença, seguida de sua morte.

Compreendi aos poucos que seu jubileu fora o coroamento de uma vida plena, onde aquele jovem que ouvira o apelo de Jesus e seguira, dava o Testemunho de uma vida plena e feliz, dedicada ao outro e anunciava que em breve estaria com Ele cantando eternamente suas glórias.

Não foi fácil a passagem. Sofreu muito, um verdadeiro Calvário, consolado por seus irmãos de Companhia, sua família e seu incansável colega de colégio Clementino Fraga. Mesmo em sua aparente inconsciência repetia a gesto de levar a Comunhão à boca.

Não sei se Deus ainda queria mais dele, que já havia entregado tudo, mas sei que para mim e Luiz, que vivemos esses 2 últimos meses de sofrimento e havia escutado a síntese de sua vida "sou feliz!", foi fator determinante de um recomeço de caminhada e dedicação total à Companhia de Jesus como leigos.

Até breve tio Mindinho, obrigada e espere por mim!

⊕ Hoje percebo com clareza que sua negativa veemente em se deixar sedar ou tomar morfina era para "sofrer como Cristo". Estava alcançando o 3º grau de Humildade e nós não percebíamos isso (Pe. França sim). Sua própria figura lembrava um Cristo, suado de dor, de falda, peito nu, recusando-se a ligar o ar condicionado. Ainda muito bonito. (22-5-09).